

temporada osep 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR
MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E FUNDAÇÃO
OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS
7, 8 e 9.11

futuros do passado

7.11 quinta 20H30 JACARANDÁ

8.11 sexta 20H30 PEQUIÁ

9.11 sábado 16H30 IPÊ

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

HEINZ HOLLIGER REGENTE

UELI WIGET PIANO

LUIZ GARCIA TROMPA

RICARDO RIGHINI MARIMBA

EDUARDO GIANESELLA GLOCKENSPIEL

OLIVIER MESSIAEN [1908-92]

Des Canyons aux Étoiles [*Dos Cânions às Estrelas*] [1971-74]

PRIMEIRA PARTE:

I. LE DÉSERT [O DESERTO]

II. LES ORIOLES [OS CORRUPÇÕES-DE-BALTIMORE]

III. CE QUI EST ÉCRIT SUR LES ÉTOILES

[O QUE ESTÁ ESCRITO NAS ESTRELAS]

IV. LE COSSYPHE D'HEUGLIN [A COSIFA DE HEUGLIN]

V. CEDAR BREAKS ET LE DON DE LA CRAINTE

[CEDAR BREAKS E O DOM DO TEMOR]

SEGUNDA PARTE:

VI. APPEL INTERSTELLAIRE [CHAMADO INTERESTELAR]

VII. BRYCE CANYON ET LES ROCHERS ROUGE-ORANGE

[BRYCE CANYON E OS ROCHEDOS VERMELHO-ALARANJADOS]

/INTERVALO

20 MIN

TERCEIRA PARTE:

VIII. LES RESSUSCITÉS ET LE CHANT DE L'ÉTOILE ALDÉBARAN

[OS RESSUCITADOS E O CANTO DA ESTRELA DE ALDEBARÃ]

IX. LE MOQUEUR POLYGLOTTE [O TORDO IMITADOR]

X. LA GRIVE DES BOIS [O TORDO-DOS-BOSQUES]

XI. OMAO, LEIOTHRIX, ELEPAIO, SHAMA

[OMAO, ROUXINOL DO JAPÃO, ELEPAIO E SHAMA]

XII. ZION PARK ET LA CITÉ CÉLESTE [PARQUE ZION E A CIDADE CELESTE]

1H50 MIN

Des Canyons aux Étoiles, de Olivier Messiaen:

Editora original Alphonse Leduc (MSC).

Representante exclusivo: BARRY EDITORIAL

(www.barryeditorial.com.ar).

PÁSSAROS E NATUREZA EM ESTADO BRUTO: A AMÉRICA SEGUNDO OLIVIER MESSIAEN

O homem era reservado e um tanto estranho. Usava camisas havaianas e, no inverno, longos cachecóis multicoloridos tricotados por sua esposa, a pianista Yvonne Loriod (1924-2010). Morava num imóvel bem modesto no 18º *arrondissement* de Paris, onde colecionava minerais dispostos em estantes envidraçadas. Uma iluminação especial realçava as peças. Esses minerais vinham de regiões longínquas do mundo, sítios naturais ainda em estado selvagem visitados por Olivier Messiaen (1908-92) — pois é dele que estamos falando, claro. Dos anos 1930 em diante, Messiaen se entregou à paixão por passeios e caminhadas em florestas e montanhas. Esse homem tinha em si um explorador, um Júlio Verne. Foi até a Nova Caledônia, na Oceania, e à Terra do Fogo, na ponta meridional da Argentina, por exemplo. Adorava a vastidão das paisagens, cenas em "cores de um paraíso perdido", como declarou em um programa de televisão.

Os Estados Unidos também eram, nesse particular, um destino apreciado por Messiaen. Ele conheceu o país em 1949, ano da estreia mundial de sua *Sinfonia Turangalila* em Boston, sob a regência de Leonard Bernstein. Com ela adquiriu tamanha celebridade que foi convidado à Casa Branca. Desse lado do Atlântico, conheceu a mecenas Alice Tully (1902-93), prima da atriz Katharine Hepburn e herdeira do industrial que detinha a patente dos recipientes de vidro Pyrex.

Em 1971, Alice Tully encomendou a Messiaen a criação de uma obra para a comemoração do bicentenário da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que ocorreria em 1974. A ex-cantora lírica fazia questão de que a obra fosse composta por um francês, considerando que o processo de emancipação dos ingleses apoiou-se no pensamento de filósofos como Montesquieu. Desejando deixar seu nome na História e ter um lugar na prestigiosa galeria dos mecenas americanos que ajudaram Arnold Schoenberg e Igor Stravinsky, ela esteve na origem da obra que haveria de se chamar *Des Canyons Aux Étoiles* [Dos Cânions às Estrelas].

Comentou-se então, no meio artístico, quanto ao pagamento de uma soma equivalente a 285 mil euros atuais a Olivier Messiaen. Essa soma nada tem de exorbitante, considerando os recursos financeiros colossais de que dispunha Alice Tully. De sua parte, o compositor usava uma parcela de seus excelentes direitos autorais para manter seus alunos, socorrer os necessitados, dar contribuições voluntárias à Igreja Católica e financiar parte da restauração de capelas e monastérios.

Em 1972, quando já trabalhava na obra que lhe fora encomendada e que compreenderia doze movimentos dispostos ao longo de três partes, Messiaen atravessou o Atlântico. Mas não visitou o Brasil, vasta nação sobre a qual teve a oportunidade de conversar — em Paris — com Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Ele visitou Utah — estado do Oeste americano famoso por suas paisagens grandiosas. Não apenas os cenários da natureza o impressionaram, mas também os cantos dos pássaros que teve a oportunidade de ouvir. O católico fervoroso encontrou, tanto nas paisagens quanto nos cantos, uma manifestação renovada do que para ele era a presença divina. Messiaen explica a citação, no sexto movimento da obra, de dois fragmentos das Sagradas Escrituras: uma tirada do *Salmo 146*, a outra do *Livro de Jó*.

A estreia mundial de *Des Canyons Aux Étoiles* se deu em Nova York, em novembro de 1974. A obra foi apresentada no Alice Tully Hall, uma das salas de concerto do Lincoln Center, construída graças à generosidade da mecenas. O público se viu diante de uma formação especial. Havia apenas treze instrumentos de corda, um dos quais era um contrabaixo de cinco cordas — uma a mais que o habitual [na época]. Esse acréscimo, lançado por Gustav Mahler, permite aumentar seus recursos expressivos. As madeiras eram quatorze; cabia-lhes executar trechos muito difíceis. Messiaen acrescentou ao conjunto oito instrumentos de metal e muitos de percussão, a cargo de cinco músicos.

Destacavam-se, nessa quarentena de intérpretes, instrumentos fora do comum: uma máquina de imitar o vento, uma placa de metal para produzir o som do trovão e um geofone, invenção de Messiaen para *Des Canyons Aux Étoiles*. O próprio compositor levou o geofone para a estreia mundial da obra em Nova York. Seu som remete a movimentos de terra e causou espanto no auditório. O fenômeno se repetiu em 1975, quando da primeira execução da obra no Festival de Outono de Paris. Mais uma vez, Messiaen põe em primeiro plano vários instrumentos solistas: um *glockenspiel*,¹ uma *xilorimba*² — constituída de finas lâminas de madeira —, uma trompa e um piano. Como de costume, este último instrumento ficou a cargo de Yvonne Loriod, excepcional virtuose que se fazia ouvir no mundo inteiro executando as obras de seu marido. O movimento para piano solo é, junto com o de trompa solo, uma das peculiaridades mais espetaculares em *Des Canyons Aux Étoiles*. Na partitura se veem impressos os nomes de diversos pássaros, os eternos amigos de Messiaen.

¹ N. do E.: O mesmo que metalofone. É muito similar ao xilofone, a diferença é que o primeiro é de metal e o segundo de madeira.

² N. do E.: Instrumento similar à marimba, porém atingindo cinco oitavas. Possui as mesmas notas da tessitura do xilofone. Também chamado de xilomarimba.

Consideremos o piano. Responsável pelas cadências mais brilhantes, ele é muito adequado ao mimetismo dos cantos dos pássaros. No segundo, quarto, nono e décimo movimentos apresentam-se quatro pássaros. São eles: o corrupião-de-Baltimore, ave migratória que todo ano parte para o México. A cosifa de Heuglin, descrita pelo ornitólogo alemão Theodor von Heuglin (1824-76) — daí o nome. Depois o tordo imitador, outra ave migratória com um dos mais belos cantos da América do Norte, capaz (apenas os machos) de produzir dois sons simultâneos. Por fim, o tordo-dos-bosques, outro magnífico virtuose conhecido também no Canadá. O interesse de Messiaen pelo tordo imitador e pelo tordo-dos-bosques não era novo; ele já se manifestava em *Oiseaux Exotiques*, obra encomendada ao compositor, em 1955, por seu ex-aluno Pierre Boulez.

Outra protagonista essencial de *Des Canyons Aux Étoiles* é uma trompa solo encarregada da execução do sexto movimento da composição, denominado "Appel Interstellaire" [Chamado Interestelar]. Esta é uma passagem imponente, ao fim da qual integram-se os chamados de dois novos pássaros: o tordo-da-China e a carriça. Originalmente, essa peça para trompa era uma homenagem de Messiaen à memória de Jean-Pierre Guézec (1934-71), um de seus jovens colegas do Conservatório de Paris, morto prematuramente. Messiaen desenvolveu o trecho de modo a integrá-lo a *Des Canyons Aux Étoiles*. Em seguida, proibiu expressamente que a peça — a partir de então chamada "Appel Interstellaire" — fosse executada separada, principalmente num recital de trompa. O versículo 18 [capítulo 16], do *Livro de Jó*, que inspirou a Messiaen o "Appel Interstellaire" foi o seguinte: "Ó terra, não cubras o meu sangue, e que meu grito se eleve sem obstáculo".³

³ Citação conforme tradução de: Livro de Jó. *Bíblia Ave Maria*. São Paulo: Ave Maria [1959/2018]. cap. 16. Disponível em: bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/jo/16/.

Des Canyons Aux Étoiles constitui igualmente um passeio entre os esplendores naturais de Utah, cantados por Messiaen nos números 1, 5 e 7 da partitura. O número 1, "Le Désert" [O Deserto], remete a uma visão do mundo antes do aparecimento da humanidade, visão essa que não deixa de evocar os sítios bíblicos da Terra Santa. Com "Cedar Breaks et le Don de Crainte" [Cedar Breaks e o Dom do Temor], o músico evoca um anfiteatro natural com cinco quilômetros de extensão, a três mil metros de altitude, visitado todos os anos por cerca de um milhão de pessoas.

O "dom do temor" expresso no título é o temor a Deus de Messiaen, de uma parte significativa da população americana e dos mórmons da capital do Estado de Utah, Salt Lake City, que fica não muito distante de Cedar Breaks. "Bryce Canyon et les Rochers Rouge-Orange" [Bryce Canyon e os Rochedos Vermelho-Alaranjados] presta homenagem ao parque nacional homônimo, conhecido por suas impressionantes esculturas geológicas de calcário. Inegavelmente, Messiaen preferia estas às raridades do Grand Canyon, situado no Estado do Arizona e incorporado ao Patrimônio Mundial da Humanidade em 1979. As cores de Bryce Canyon avivavam o fenômeno neurológico — a sinestesia sonora — que o compositor experimentava continuamente: ele via todo tipo de cores tanto ouvindo sons como lendo uma partitura. Quanto ao Zion Park, outro ponto turístico conhecido dos americanos amantes da natureza, é equiparado à cidade celeste, metáfora usada pelos teólogos cristãos para designar a Jerusalém eterna. Já em 1963 Messiaen criara *Couleurs de la Cité Céleste* [Cores da Cidade Celeste] para piano, acompanhada de instrumentos de sopro e percussão. Em 1987, *La Ville d'en-Haut* [A Cidade do Alto] seria uma de suas últimas obras. Ela usava também, entre outros, um piano solo, igualmente confiado a Yvonne Loriod em sua primeira audição.

Soma-se a esses *Leitmotiven* a fé ardente de Messiaen. Descrevendo-se como “católico de nascimento”, levava uma vida de monge. Numa sociedade ocidental vazia de espiritualidade, ele meditava todos os dias sobre as Sagradas Escrituras, buscava sempre que possível os teclados do órgão da Église de la Saint-Trinité, em Paris, do qual era titular desde 1931, além de assistir à missa, ouvir as vésperas e as completas, ler os Pais da Igreja. Em 1974, mesmo ano da estreia mundial de *Des Canyons Aux Étoiles*, Messiaen sentira muito medo das manifestações estudantis e dos testes nucleares autorizados pelo presidente Georges Pompidou. Em contrapartida, preferia conceber o mundo como um espaço desolado e selvagem, como descrito em 1801 por François René de Chateaubriand (1768-1848) em *Atala* — romance em homenagem aos indígenas da Louisiana que se converteram ao cristianismo. Dotada de um valor universal, segundo o compositor, a obra explica a presença, no nono movimento de *Des Canyons Aux Étoiles*, de quatro novos pássaros. São eles o omoa, o leiothrix [ou rouxinol do Japão], o elepaio e o shama. O primeiro e o terceiro habitam nas ilhas do Havai; o leiothrix, Myanmar (antiga Birmânia); e o shama, em Madagascar e nas Seychelles. Todos cantam a glória da Criação — como na cena do sermão aos pássaros contida na única ópera de Messiaen, *Saint François d'Assise* [São Francisco de Assis]. Eles têm também a possibilidade relativa de aproximar-se das estrelas.

Neste contexto, os cânions são a terra. As estrelas são um dos atributos do céu. Encontra-se uma dessas estrelas na última parte da obra: “Les Ressuscités et le chant de l'étoile Aldébaran” [Os ressuscitados e o canto da estrela de Aldebarã]. Na primeira parte da partitura há um movimento intitulado “Ce qui est écrit sur les étoiles” [O que está escrito nas estrelas]... Para voltar à estrela Aldebarã, cabe lembrar que ela realmente existe. Astro mais brilhante da constelação de Touro, encontra-se a 65 anos-luz do Sol. A fascinação de Messiaen por esse astro reitera sua recusa — manifesta — da civilização industrial e da economia de mercado. Ele se confessará sensível à atuação do Greenpeace. Nesse sentido, Messiaen está próximo do ilustre pianista americano Artur Schnabel⁴ (1882-1951) cuja diversão favorita era passear pelos parques nacionais americanos. Voltando aos astros celestes, Messiaen sempre via neles a manifestação da presença de

Deus. Daí a citação do Salmo 146, para o qual "é Ele que fixa o número das estrelas, e designa cada uma por seu nome".⁵ O pai do Universo é rodeado também pelo grande séquito dos ressuscitados, dado que Messiaen está convicto de que a morte não é eterna. Ele já afirmara essa convicção em 1964, com a peça *Et Exspecto Resurrectionem Mortuorum* (E Eu Espero a Ressurreição dos Mortos) apresentada diante de Charles de Gaulle na Catedral de Chartres.

Messiaen terá na pessoa de Karlheinz Stockhausen (1928-2007), um de seus alunos mais célebres, um sucessor cujo gigantesco ciclo cênico musical intitulado *Licht* [Luz] se inspiraria, em parte, nos temas abordados em *Des Canyons Aux Étoiles*. Concebido e escrito entre 1977 e 2003, *Licht* conta sete dias de um planeta nascente. Nele, seu autor retoma parcialmente a sinestesia ao estilo de Messiaen, associando os sentidos, os elementos da natureza e as cores. *Des Canyons Aux Étoiles* terá aberto, portanto, um novo caminho.

⁴ O grande virtuose de origem austríaca sempre fazia questão de que se escrevesse seu primeiro nome da seguinte maneira: Artur. Nesse particular, ele não seguiu o exemplo de seu colega Arthur Rubinstein (1887-1982) e do violinista belga Arthur Grumiaux (1921-1986), que adotaram uma grafia tradicional.

⁵ Citação conforme tradução de: Salmos. *Bíblia Ave Maria*. São Paulo: Ave Maria, [1959/2018]. Disponível em: bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/salmos/146/

Texto publicado originalmente como nota de programa do concerto *Dating / Musiques d'aujourd'hui / Red Bridge Project: Ensemble Intercontemporain – Ensemble of the Lucerne Festival Alumni*. Luxemburgo, 2018. p. 7. Disponível em: docplayer.fr/76891848-Grand-auditoriummercredi-mittwoch-wednesday-dating-musiques-d-aujourd-hui-red-bridge-project.html

Reproduzido sob autorização do autor, que modificou muito ligeiramente o texto considerando as apresentações da Osesp.

Tradução de Luciano Machado.

PHILIPPE OLIVIER

HISTORIADOR FRANCO-ALEMÃO COM CERCA DE TRINTA LIVROS PUBLICADOS.
CONHECEU OLIVIER MESSIAEN E O VISITAVA COM FREQUÊNCIA.

- Partition écrite
en sons réels
et aux octaves réelles -

pour Heinz Holliger, merveilleux artiste, qui sait
tout faire: le hautbois, la composition musicale, & la direction
d'orchestre, avec un égal bonheur et toujours le même enthousiasme -
et qui a dirigé mes œuvres: "Des canyons aux étoiles...", avec une
précision, une couleur, une force, et une poésie extraordinaires...
en espérant que mes couleurs, de rythmes & d'accords lui apparaîtront
encore quelques jours... & avec toute mon amitié reconnaissante!

Olivier Messiaen

Bâle, 27 avril 1984

para Heinz Holliger, artista maravilhoso, que domina o oboé, a composição e a regência, com igual alegria e sempre o mesmo entusiasmo — e que regeu minha obra: "Des canyons aux étoiles...", com precisão, cor, força e poesia extraordinárias!... esperando que meus ritmos e acordes lhe tragam ainda alguma alegria... e com toda amizade e reconhecimento!

Olivier Messiaen
Basileia, 27 de abril de 1984

[DEDICATÓRIA DE MESSIAEN AO REGENTE HEINZ
HOLLIGER EXTRAÍDA DE UMA CÓPIA DA PARTITURA
DA OBRA *DES CANYONS AUX ÉTOILES*]

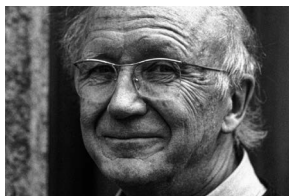
LEIA TAMBÉM O TEXTO, ESCRITO POR OLIVIER
MESSIAEN, QUE INTRODUZ A PARTITURA DA
OBRA: [HTTP://BIT.LY/MESSIAEN-CANYONS](http://bit.ly/messiaen-canyons)



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—

Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2020, Thierry Fischer assumirá o posto de Diretor Musical. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschewsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.

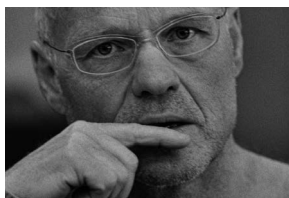


HEINZ HOLLIGER

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MAIO DE 2016

—

Nascido em 1939, na Suíça, Heinz Holliger destaca-se pela versatilidade musical ao atuar como oboísta, regente e compositor. Formou-se nos conservatórios de Berna e Basileia e estudou composição com Sándor Veress e Pierre Boulez. Requisitado pelos principais conjuntos sinfônicos do mundo, já regeu a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Concertgebouw de Amsterdã, a Filarmônica de Londres e a Filarmônica de Viena, além da própria Osesp. Desenvolveu extensa colaboração com a Orquestra de Câmara da Europa. Recebeu inúmeros prêmios por seu trabalho e tem sua obra gravada pelos selos Teldec, Philips e ECM.



UELI WIGET PIANO

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

—

O suíço estudou piano e harpa na Academia de Música de Hanover, aperfeiçoando-se na Academia Ferenc Liszt, em Budapeste, com György Kurtág e Zoltán Kocsis. Venceu a primeira Competição Suíça de Jovens Músicos e a competição das Academias Estatais de Música da Alemanha. Desde 1986 integra o Ensemble Modern, dedicado à nova música. Como solista, apresentou-se nos principais festivais europeus (Berlim, Viena, Salzburgo, Veneza, Roma, Londres, entre outros) e colaborou com orquestras como a WDR de Colônia, a SWR de Stuttgart, a DSO de Berlim, a Filarmônica de Munique, a BBC de Londres e a Gulbenkian de Lisboa.



LUIZ GARCIA TROMPA

—

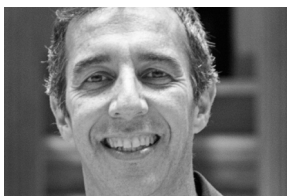
Na Osesp desde o início de 2015, o trompista estudou no Conservatório de Tatuí, na Juilliard School e no Conservatório New England. Integrou o quinteto Empire Brass e participou como primeira trompa solista em apresentações, gravações e turnês das orquestras Filarmônica de Berlim, Sinfônica de Chicago, Sinfônica da Rádio da Baviera e Staatskapelle de Berlim, entre outras. Foi primeira trompa solista da Osesp de 1997 a 2001 e integrou as Sinfônicas Brasileira e do Theatro Municipal de São Paulo. Foi docente nos festivais de Campos do Jordão, Boston University Tanglewood Institute e Pacific Music Festival, em Sapore.



RICARDO RIGHINI MARIMBA

—

Primeiro percussionista da Osesp, é membro da orquestra desde 1994. Formado pela UNESP, possui especialização pelo Conservatório de Música de Genebra. Venceu o Prêmio Eldorado de 1986 e foi primeiro percussionista da Orquestra Sinfônica do Paraná e da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo. Na Suíça, tocou com a Orchestre de la Suisse Romande e o Centre International de Percussion (CIP). Lecionou nas Faculdades Santa Marcelina e Cantareira e desde 2013 é professor da Academia da Osesp.



EDUARDO GIANESELLA GLOCKENSPIEL

—

Membro da Osesp desde 1994, é doutor em música pela USP, mestre pela Eastman School of Music (EUA) e graduado pela UNESP, além de formado pelo Conservatório de Tatuí. Autor do livro *Percussão Orquestral Brasileira* (Ed. UNESP, 2012), atuou como solista frente à Osesp, à Eastman Graduate Chamber Orchestra e às Orquestras de Sopros Brasileira e da Radio Télévision Culture (RTC), da Bélgica. É professor e co-diretor do Grupo de Percussão do Instituto de Artes da UNESP (PIAP), com o qual venceu o Prêmio Eldorado de Música. Foi também vencedor do Concurso Jovens Solistas da Osesp.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER*** EMÉRITO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSE
IRINA KODIN
KATIA SPASSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS
HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA
LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS
ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES
QVANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES
ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LINÁREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES
FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES
DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO
DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA
FILUPE QUEIRÓS

TÍMPANOS
ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO
RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚNIGA

TECLADOS
OLGA KOPYLOVA

MÚSICOS CONVIDADOS DO
PROGRAMA
LEONARDO CAIRE PERCUSSÃO
RICHARD FRASER VIOLONCELO
ROBERT SUETHOLZ VIOLONCELO

(*) MÚSICO CONVIDADO
(**) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR
CATEGORIA. INFORMAÇÕES
SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

**SECRETARIA DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSEP

PRESIDENTE DE HONRA
**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
**ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI**

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSEP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Renina Katz

São Paulo, SP, 1925

Detalhe da Obra ***Ébano***, 1999

litografia em cores sobre papel

35 x 50,3 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação da artista, 2010.

Crédito fotográfico: Isabella Matheus

Serviços Sala São Paulo

   /osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br